A ASTROLOGIA NA CORTE DE AFONSO X, O SÁBIO: O *LIBRO DE LAS CRUZES*

Carlinda Maria Fischer Mattos

RESUMO

O *Libro de las Cruzes*, no qual se apresentam prognósticos astrológicos baseados no sistema de previsão de cruzes, está entre as obras muçulmanas traduzidas ao castelhano durante o reinado de Afonso X. O presente trabalho tem por objetivo situar a produção científica do *scriptorium* afonsino, discutir os elementos norteadores da concepção de ciência e dos conhecimentos astrológicos da Idade Média, bem como o sistema de previsão constante no referido texto.

Afonso X, alcunhado o Sábio, o foi muito justamente não apenas pela abrangência de seus conhecimentos, mas, sobretudo, por sua intensa atividade em reunir obras e sábios de todas as áreas de conhecimento em sua corte, promover traduções e elaborações de textos de História, Legislação, Poesia, Astronomia, Astrologia, fundar centros de estudo, revitalizar universidades – as de Salamanca, Valladolid e Sevilha.

No entanto, Afonso X está inserido numa trajetória e num contexto intelectual que é o da Reconquista e de todo o universo mental que se abre aos cristãos ocidentais. Lembramos que a tomada de Toledo, em 1085, por Afonso VI de Castela, foi um marco no confronto com a diferença cultural[1].

Os cristãos, que até então conheciam apenas uma parcela muito restrita das obras dos antigos, viram-se diante das obras de Aristóteles em sua quase totalidade, das de Ptolomeu, Hipócrates, Arquimedes, Galeno, Dioscórides, Euclides...traduzidas do grego pelos árabes, comentadas por estes e acrescidas por suas próprias contribuições – como foi o caso de al-Kindi, Ibn-Qurra, al-Farabi, Avicena, Averróis, Azarquiel, por exemplo. O Alcorão foi, aliás, uma das primeiras obras a serem traduzidas[2].

Carlinda Maria Fischer Mattos é Mestranda no PPG em História da UFRGS.

A esse esforço de tradução, costuma-se atribuir o nome de *Escola dos tradutores de Toledo*. Coordenadas num primeiro momento pelo bispo D. Raimundo (1126-1152) e, mais tarde, por Afonso X, as traduções reuniram, em diversos momentos, eruditos de toda a Europa como Juan de Sevilha; Hernan, o Dálmata; Roberto de Chester; Geraldo de Cremona; Adelardo de Bath; Miguel Escoto, entre tantos outros[3].

Os cristãos se depararam com um instrumental matemático complexo, instrumentos altamente sofisticados para mensurar os movimentos dos astros no céu, modelos matemáticos representando seu comportamento com uma alta capacidade preditiva, entre outros aportes[4].

Ascendendo ao trono em 1252, Afonso X dá novo impulso aos trabalhos de tradução e de elaboração de novos textos, reunindo sábios de várias áreas do saber em sua corte.

A atividade é intensa.

As obras que manda compor são as seguintes: *Setenario, Especulo, Fuero Real, Siete Partidas, Estoria de Espanna, General Estoria, Cantigas de Santa Maria, Tabuas Alfonsíes*. Entre as traduções, podemos citar: *Libro del Saber de Astronomia, Libro de los Canones de Albatani, Libro de las Formas y de las Ymágenes, Libro Conplido de los Judizios de las Estrellas, Liber Quadripartitum, Libro de las Cruzes, Lapidario, Picatrix, Liber Razielis, Libro de Astromagia, Tratado de las Armiellas, Libro de la Ochava Esfera, Libro de la Azafea*[5].

No entanto, é consenso entre os estudiosos e patente em testemunhos de alguns de seus contemporâneos, que o rei é muito mais do que um mecenas. Afonso escolhe as obras que quer ver traduzir, estabelece a ordem em que devem ser dispostas, revisa as traduções, discute as passagens nebulosas, procura os termos mais adequados, dá o acabamento ao conjunto. Afonso X as estuda em profundidade.

AFONSO X E A ASTROLOGIA

Afonso interessou-se por várias áreas do saber. Contudo, como podemos depreender das traduções que mandou realizar, o rei nutriu particular interesse pela astronomia e pela astrologia. Talvez não se trate tanto, aqui, de nos questionarmos se ele acreditava ou não nos prognósticos astrológicos (ainda que vários estudiosos tenham se debruçado sobre esta questão), mas de entendermos o estatuto da astrologia em meio ao conjunto de saberes de sua época. No entanto, assunto complexo, tal abordagem ultrapassaria os limites desse artigo: restringimo-nos, portan-

to, a destacar aspectos importantes a serem considerados quando tratamos do tema em questão.

A observação do céu era fundamental para a vida cotidiana tanto para o pastor ou para o agricultor, que olhavam para as estrelas e a posição dos planetas a fim de orientar as suas lides, quanto para os sábios, que definiam os calendários da liturgia, ou para o médico que receitava em conformidade com as disposições dos astros.

É preciso que tenhamos claro, antes de mais nada, que quando dizemos que astrologia e astronomia não eram entendidas como duas ciências distintas, não estamos a dizer que aquilo que hoje entendemos por astronomia, assumindo daí todos os seus postulados científicos e princípios que orientam sua prática, e por astrologia compunham uma mesma ciência. Ou seja, quando assim colocamos a questão, ainda não relativizamos o nosso campo de referências culturais para então podermos entender esse outro campo – o das práticas culturais da Idade Média: primeiramente, porque os postulados científicos que orientam nossa ciência hoje não eram aqueles assumidos pela ciência medieval; depois, porque supor o total entrelaçamento entre essas duas áreas nos levaria a supor que todo aquele que se preocupava em elaborar modelos explicativos e cálculos preditivos relativos aos movimentos dos astros, praticava a astrologia, tal como a entendemos hoje – o que, evidentemente, seria um equívoco.

Talvez seja mais prudente partirmos da idéia de que havia uma ciência que se voltava para o estudo do céu e que, na formulação de seu *corpus* específico, havia uma tensão constitutiva que a levava a ser aceita e, por vezes, rejeitada como contrária à fé - tanto a cristã como a islâmica.

Ao tratar da relação entre "o Filósofo e os Astros", Alain de Libera[6] diz que o conhecimento na Idade Média dividia-se entre artes liberais e artes mecânicas. As artes liberais, nobres, eram distribuídas entre o *trivium* (gramática, lógica, retórica) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música), ensinadas nas Universidades. As artes mecânicas, úteis mas desvalorizadas, eram o trabalho com a lã, a arte militar e a arquitetura, a navegação, a agricultura, a caça e a pesca, a medicina e as artes divinatórias – incluindo-se aí a astrologia. Estas últimas, no desempenho de suas habilidades, contariam forçosamente com o concurso de gênios e forças alheias àquelas afeitas ao espírito cristão.

A astronomia, que junto com a aritmética, a geometria e a música, compunha a ciência matemática propriamente dita, abrangia também uma parte judiciária, preditiva – a astrologia liberal. E isso porque, nesse âmbito, ela compartilhava com a filosofia uma visão cosmológica fundamentada no princípio da influência exercida pelos astros sobre o mundo

sublunar, na solidariedade que liga todas as partes do cosmos (Lembramos, por exemplo, que aquilo que entendemos por meteorologia, hoje, fazia parte dessa prática judiciária[7] – absolutamente necessária, vital, para a sobrevivência dos seres).

Ou seja, a astronomia/astrologia carregava uma ambigüidade constitutiva, no qual os limites entre uma prática mais ligada às artes mecânicas e aquela ligada às artes liberais, nem sempre eram muito precisas, sendo por isso contínuo objeto de tensão.

Depois, como nos lembram alguns estudiosos dessa área, ainda que nem todo o estudioso do céu se dedicasse à parte judiciária, todo aquele que, ao contrário, positivamente o fizesse, assumia um modelo cósmico e planetário que, muitas vezes, era entendido como contrário aos dogmas da religião. Por exemplo, se ao invés de considerar a Terra plana como um disco, o astrólogo-astrônomo pressupunha que ela é redonda; se ao invés de entendê-la como o centro do cosmos, o sábio assumia uma posição ptolomaica e fazia diferir o centro das órbitas e o centro do cosmos; se ao invés de sete órbitas, como diz o Alcorão, o sábio entendia haver oito – o das estrelas fixas –, e/ou nove – a esfera anastra[8], que compreendia todas as outras e lhes imprimia o movimento –, o astrólogo-astrônomo estava, na verdade, a questionar dogmas em que se apoiava a fé, tais como a idéia de que a perfeição divina se expressava no cosmos pela harmonia das esferas, homocêntricas, movendo-se de forma circular e uniforme. Se a cada órbita ele entendia corresponder uma inteligência, para a consternação de São Boaventura; se a força propulsora do movimento dos planetas era entendida como uma decorrência necessária das leis de sua própria criação, imutáveis, o que restaria à Providência, à intervenção divina e ao livre-arbítrio do homem?[9]

Essas e muitas outras questões constituem o campo próprio em que se desenvolvem as práticas astrológico-astronômicas, questões estas em que dogma e razão se articulam em argumentos finos, ancorados em sólidos sistemas que explicam a constituição do mundo e as engrenagens que o fazem funcionar.

Por fim, ainda quando um estudioso medieval condena a astrologia e a desacredita, sua postura não é, como nos lembra Júlio Samsó[10], a de um crítico racionalista, mas à de um metafísico – como o teólogo e polemista de Túnez, Abu Ali 'Umar b. Muhammad al-Sakuni al-Isbili, contemporâneo de Afonso X – para quem, não as estrelas, mas apenas a vontade divina determina o que acontece no mundo dos homens.

Mas poderíamos então nos perguntar: não é também Afonso X um rei cristão e, ao que tudo indica, verdadeiramente devoto à Santa Ma-

ria? Ora, tanto a religião cristã quanto a muçulmana vêem com desconfiança a astrologia judiciária, ou seja, a arte de prever situações através da leitura da posição dos astros no céu.

Talvez tenhamos que levar em consideração, sobretudo, que não podemos esperar uma coerência entre o saber, a fé e o comportamento de Afonso X, mais do que podemos esperar de um outro homem qualquer, principalmente quando este homem ocupa uma posição de tanta responsabilidade.

Mas temos que nos perguntar se, de toda a forma, não há nesse aparente paradoxo, uma diferença cultural cujo entendimento nos permita ver, com naturalidade, uma compatibilidade entre sua fé cristã e sua crença nos prognósticos de cunho astrológico 'científicos'.

De fato, outra obra a ele atribuída, o *Setenario,* nos faculta proceder a uma tal abordagem. Esta foi iniciada ainda sob Fernando III, sendo continuada e terminada por Afonso X logo depois de ter assumido o trono, em 1252. Trata-se de um texto de louvor a Deus e à fé, um elogio à Criação e às virtudes com as quais a dotou, relacionadas e desenvolvidas sempre sob a perspectiva do número sete. A fé, a razão, a sabedoria, o entendimento, são algumas dessas propriedades com que Deus dotou o homem e pelas quais este pode se relacionar com aquele.

São sete os saberes arrolados na obra: gramática (incluindo lógica e retórica), aritmética, geometria, música, astrologia, física, metafísica.

> *Por estes sete saberes a que chamam artes, souberam os homens conhecer a Deus e a todas as coisas que ele fez, quais são em si e como operam. E ainda, por elas souberam os sete céus em que estão as sete estrelas a que chamam de planetas, e os nomes de cada uma delas (...).*[11]

A astrologia é uma das formas de se conhecer a Deus.

Ela é apreendida por sete formas: pela visão, pelo entendimento, pelos poderes que os astros operam, pelo movimento (deslocamento, mudança) que desenham no céu, pelas divisões que podem ser contadas (horas, dias, graus, minutos), pela mensuração que facultam à inteligência (longitudes, latitudes), pelo concerto entre suas influências e seus movimentos.

Em seguida, a obra fala que não deve o homem adorar a terra, o ar, o fogo ou a água, ou qualquer dos planetas ou das constelações que compõem os signos, porque eles nada operam por si, mas tão somente realizam e dispõem aquilo que Deus, através de seu filho, Jesus Cristo, do Espírito Santo e da Virgem Maria, quer que se faça e se estabeleça no mundo.

Assim, podemos ler títulos dos capítulos da obra tais como : *De como os que adoravam à Lua, à Santa Maria queriam adorar, se o entendessem* (LXVIII), ou *De como se mostra que os que adoravam a Mercúrio, que a Jesus Cristo o deveriam fazer* (LIX).

O mesmo argumento que o teólogo al-Sakuni utilizou para contestar a astrologia, ou seja, que não as estrelas, mas apenas a vontade divina determina o que acontece no mundo sublunar, serve a Afonso X para justificar essa arte: os elementos do céu realizavam a vontade de Deus; eles não são senão a expressão de sua imensa sabedoria.

Talvez possamos entender como a astrologia não só é compatível com sua fé – e, no *Setenario*, segue-se a essa exposição a explicação dos sacramentos que a Igreja ministra – como ganha uma dimensão superior a uma mera curiosidade intelectual. Olhar para o céu nos permite experimentar a perplexidade diante da sabedoria divina e orientar a ação de acordo com os seus desígnios.

Nada sabemos acerca da existência de algum astrólogo específico da corte, que tenha trabalhado para Afonso X. Temos notícia de um grupo de tradutores que se debruçaram de forma bastante intensa na tradução de diversas obras relativas a diferentes domínios do conhecimento, inclusive a astrologia. Uma dessas, o *Libro de las Cruzes*[12], nos oferece um vasto campo de reflexões.

Trata-se de obra de particular interesse. A quase totalidade dos prognósticos ali apresentados dizem respeito às ações dos governantes, tratando de vitórias ou derrotas em batalha, da traição de vassalos, de epidemias no reino em momentos especificados, tudo de acordo com as figuras desenhadas no céu pelos astros. Para tornar a obra ainda mais útil, Afonso manda compor e nele incluir um capítulo específico para a Espanha – o que nos permite supor um ativo exercício da arte astrológica em sua corte.

Na perspectiva acima aludida, o interesse de Afonso X pela astrologia não é, de forma alguma, de caráter periférico, mas sim tão central quanto o interesse que teve pela História e Legislação, constituindo-se aquela, além de uma matéria do saber, um instrumento de governo.

Consideremo-lo, pois.

O *LIBRO DE LAS CRUZES*

O *Libro de las Cruzes* é um trabalho de astrologia, traduzido à partir de uma obra datada do século XI, do árabe para o castelhano, na corte de Afonso X.

Trata-se de um conjunto de prognósticos concernentes a um rei e a seu reino, à partir das disposições dos astros no céu. Nele trabalharam Hyuda Fy de Mosse al-Cohen Mosca, alfaqui[13] judeu à serviço do rei, que o traduziu, e Johan d'Aspa que o transcreveu e o organizou em capítulos com títulos. Esse trabalho foi terminado em 1259, ou seja, sete anos após o início do reinado de Afonso X.

O texto em árabe sobre o qual se debruçaram al-Cohen e Juan d'Aspa foi atribuído a um sábio chamado Oveydalla, que teria reelaborado um texto anterior, como consta do Prólogo da obra traduzida para o castelhano no século XIII:

> *Onde este nosso senhor sobredito [Afonso X] (...) achou o 'Libro de las Cruzes' que fizeram os sábios antigos, [e] que explicou Oveydalla o Sábio (...).*[14]

A identidade de Oveydalla é até hoje um tema de discussão.

Em 1940, o estudioso J. M. Vallicrosa propunha, através de uma série de deduções, a identificação de Oveydalla com um renomado astrólogo do século XI, Abu Marwan 'Ubayd Allah Ibn Jalaf al-Istyyi[15].

Anos mais tarde, Juan Vernet encontrou, na Biblioteca do Escorial, um manuscrito árabe com duas citações de um astrônomo-astrólogo denominado Abu Marwan 'Ubayd Allah Ibn Jalaf al-Istyyi, o mesmo proposto por Vallicrosa anteriormente. A descoberta confirmava a existência de um renomado astrônomo-astrólogo que teria existido no sul da Espanha no século XI.

Contudo, além das duas citações de Abu Marwan, havia um fragmento de um poema didático dos século VIII/IX atribuídos a 'Abd al-Wahid b. Ishaq al-Dabbi, cujo conteúdo coincide com o do capítulo 57 do *Libro de las Cruzes*, na versão em castelhano de que dispomos.

Ao mesmo tempo em que se achava um indício que reforçava a hipótese da autoria ser atribuída a Abu Marwan 'Ubaid Ibn Jalaf, astrólogo que viveu no século XI, ainda se confirmava o que está dito no Prólogo: Oveydalla, o Sábio, explicou e reelaborou uma versão ainda anterior do *Libro de las Cruzes* e segundo esse novo achado, essa versão era de al-Dabbi, que viveu na Espanha muçulmana em fins do século VIII e início do século IX.

Não obstante, o fato de se ter encontrado um capítulo de uma provável versão do *Libro de las Cruzes*, datado do fim do século VIII, escrita pelo astrólogo 'Abd al Wahid b. Ishaq al-Dabbi, com o que a obra passa a ser considerada o texto astrológico mais antigo de al-Andalus,

leva-nos a perguntar acerca de que astrologia se praticava e que conhecimentos astronômicos se possuía na época de sua elaboração. E, em última análise, leva-nos a perguntar em que consiste e qual a origem do sistema de cruzes.

É sabido que no século VIII e no início do IX, nenhum dos grandes textos astrológico-astronômicos árabes do Oriente, tributários da grande tradição helenística e hindu que lá ensejara o desenvolvimento de grandes teorias e descobertas nessa área, chegara ao Ocidente[16]. Ou seja, o sistema de cruzes ou é uma herança latino-visigótica, uma prática já presente na Península quando os muçulmanos aí chegaram, ou foi aí introduzida por eles. A esse respeito, o próprio Oveydalla nos dá uma pista:

> *Isto foi o que achei no Libro de las Cruzes quanto aos juízos das estrelas. Transladei-os e expliquei-os porque vi que são muito úteis no que concerne às constelações, às revoluções e conjunções dos planetas [e sua influência] nos começos dos reinos e dos senhorios (...) (...) e estes são os juízos gerais e antigos e os da terra da África, e os da Berberia e uma parte dos romanos da Espanha, todos estes sabiam julgar por estas constelações gerais.*
> *Mas os persas e os gregos tinham muitas sutilezas nesta ciência, e em depreender os juízos dela, e apreender suas significações, e a forma com que chegam e aparecem os fatos e os acidentes nos corpos do mundo de geração e de corrupção (...) quanto duravam e em que momento terminavam (...). E tudo isso depreendem por grandes sutilezas e muita experiência nesta ciência [no compreender] como transmitem os planetas força de uns aos outros, de como a recebem e de [tantas] outras coisas (...).*[17]

Pela citação, podemos depreender que o sistema de cruzes era utilizado por povos ocidentais que habitavam o norte da África e o sul da Espanha, um sistema diferente daquele empregado pelos gregos e orientais. A astrologia das cruzes, segundo Oveydalla, é um sistema de juízos gerais, ou antes, genérico, impreciso, pois não calcula com precisão os deslocamentos dos astros do céu, nem leva em consideração o comportamento irregular dos planetas. O sábio muçulmano critica o sistema de cruzes por não considerar o movimento das estrelas fixas que, se não se deslocam individualmente, estão presas a uma esfera que, toda ela, se move continuamente, impulsionando o movimento de todos os outros astros no céu[18]. O sistema de cruzes fixa o zodíaco em suas casas correspondentes (Áries na casa I, Touro na casa 2...), enquanto a prática

posterior, a dos árabes, informada pela ciência greco-oriental, faz suas predições observando que também as constelações se deslocam no céu e no mapa representado sobre o papel.

Oveydalla é um sábio do século XI – e esse foi o período de ouro da ciência em al-Andalus. O século VIII não dispunha de instrumentos de medição precisos para avaliar a posição dos astros. O século XI, em contrapartida, conhece, por exemplo, o astrolábio, os quadrantes solares, a armilha, a esfera armilar, o equatório... Os matemáticos de então já passaram pela 'revolução trigonométrica', que simplificou cálculos extensíssimos envolvendo planos, curvas, ângulos. Com al-Mutamanm descortinou-se o universo da geometria, das seções cônicas, o da teoria dos números. Com Ibn Mu'ad, considerado o maior matemático de seu tempo, explora-se os números irracionais. Aplicadas aos cálculos da astronomia-astrologia, tais aquisições foram alavancas preciosíssimas para o tratamento dessas disciplinas. Por fim, se Oveydalla é, de fato, Ubbayd Allah b. Jalaf al-Istyyi, então o astrólogo que acha e reescreve o *Libro de las Cruzes* não é outro senão um dos grandes astrônomos que compõem a equipe de Azarquiel – a qual, sob sua coordenação, elabora as Tábuas de Toledo e formula os modelos da teoria da trepidação que tornaram célebre a este último.

Por outro lado, o *Libro de las Cruzes* de al-Dabbi, escrito no século VIII, diz respeito a uma prática que não faz uso de tal arsenal teórico, metodológico e mesmo instrumental. Talvez devêssemos aqui seguir a pista deixada pelo estudioso Juan Vernet, o qual observa que a astrologia não foi sempre idêntica à que conhecemos hoje, ou àquela, matematizada, do século XI. O sistema gentilício, que considera e necessita de cálculos precisos é um dos sistemas possíveis, havendo outros métodos de prognósticos que prescindiriam de tais informações. Tal investigação poderia resultar numa nova e rica abordagem acerca dessa área de estudos – o que demandaria, no entanto, um grande conhecimento não só de astrologia, mas da história da astrologia mesma.

Ainda seguindo o raciocínio de Oveydalla, que considerava o sistema de cruzes menos sutil e preciso que os sistemas empregados pelos sábios orientais, perguntamo-nos: que conhecimentos astronômicos possuíam homens como al-Dabbi?

Júlio Samsó[19] afirma categoricamente que, quando os muçulmanos invadem a Espanha, em 711, trazem consigo conhecimentos astronômico-astrológicos restritos, apenas os necessários aos ritos relacionados à religião. Encontram na Península uma cultura animada por sobrevivências clássicas e nutrida, também, pela necessidade de se esta-

belecer um calendário relacionado às praticas litúrgicas específicas da religião cristã.

O conhecimento desses últimos estaria relacionado, sobretudo, com os movimentos do Sol, sua longitude média, o arco que desenha nos solstícios e nos equinócios. Também é importante saber predizer a posição da lua, principalmente para os muçulmanos, cujo calendário é lunar. Os tratados de cômputo cristãos demonstram o cálculo necessário. Partindo-se da idéia de que a Lua leva 27 dias, 7 horas e 45 minutos para percorrer 360° em torno da Terra, obtiveram uma fórmula para poder saber em que signo esse astro se encontrará numa determinada data. Quanto aos movimentos dos planetas, constituem-se em conhecimentos de interesse secundário, mas também para eles há regras de cômputo[20].

Esse breve e superficial apanhado das aquisições no domínio da astronomia num e noutro caso, talvez nos proporcionem uma idéia, ainda que vaga, da diferença de interesses e da distância de universos conceituais e instrumentais que separam os homens do século VIII e os do século XI quanto ao conhecimento do céu. Explica-se, de certa forma, a crítica que Oveydalla, à partir de seu ponto de vista, dirige à prática dos astrólogos que teciam seus prognósticos munidos de pouca preocupação com respeito à precisão de seus cálculos.

Mas, então, porque Oveydalla interessou-se em transcrever e explicar a obra, como afirma ter feito? Entendemos que suas reticências com respeito às técnicas dos antigos ocidentais digam respeito à possibilidade de afirmar que num determinado dia do mês tal, do ano tal, Saturno efetivamente ocupe a quarta casa e que esteja em oposição a Júpiter e em conjunção com Marte. Mas Oveydalla não questiona o fato de que sempre e toda a vez que Saturno estiver nessa posição e em tal linha de relação com os outros planetas, os prognósticos apresentados naquela obra se realizem. A questão reside tão somente em determinar a posição correta dos astros, para o que os prognósticos, as interpretações feitas nos sistema de cruzes, serão sempre corretas. Acreditamos, pela mesma razão, que não seja outro o objetivo e a razão pela qual Afonso X manda traduzir o *Libro de las Cruzes*.

Afinal, no que consiste o sistema de cruzes?

A resposta à essa questão é bastante complexa. Como vimos até aqui, *o Libro de las Cruzes* é um cruzamento de temporalidades e, portanto, de apropriações, de diferentes leituras:

a) há um fragmento de fins do século VIII que aponta para um conjunto maior, uma primeira versão do texto em questão, atribuído a al-Dabbi e nutrido pelas práticas de observações do céu já existentes

antes da chegada dos árabes – ou seja, sobrevivências latinas um tanto depauperadas;

b) há um texto composto por Oveydalla, um sábio árabe do século XI, que parte do texto anterior e o reelabora, constituindo-o com cerca de 3.500 interpretações de posições possíveis dos astros;

c) há o texto traduzido pelos eruditos de Toledo, sob a orientação de Afonso X, em 1259. Também reelaborado, o texto castelhando ainda possui acréscimos, como o capítulo LIX, que faz prognósticos sobre "*las principalles villas antiguas d'Espanna*".[21]

Assim, separar o que é o sistema de cruzes dos acréscimos feitos ao texto ao longo dessas subseqüentes apropriações é tarefa complexa sobre a qual se debruçam os especialistas. Júlio Samsó[22] identifica nos capítulos 57, 60-63 a aplicação original do sistema de cruzes, sem os acréscimos posteriores.

Tal sistema consiste em três retas que se cruzam, formando seis raios e seis ângulos. Raios e ângulos são considerados "casas", ou seja, setores relacionados `a vida dos homens, e perfazem o número de 12. As doze casas do sistema são divididas entre os quatro elementos: fogo, ar, água e terra. Os raios ou estacas, incorporam as qualidades ativas e concernem às três casas do elemento fogo e às três casas do elemento ar. Os ângulos incorporam as qualidades passivas, correspondendo às triplicidades (três casas) de terra e de água. Ou seja, há três ângulos que correspondem ao elemento terra e outros três ao elemento água.

O elemento fogo se manifestaria diferentemente em cada um dos raios, como signos de Áries, Leão ou Sagitário. A terra, nos ângulos, como signos de Touro, Virgem ou Capricórnio. O ar, nos raios, como signos de Gêmeos, Libra ou Aquário. A água, nos ângulos, como signos de Câncer, Escorpião ou Peixes.

As casas, por sua vez, representando os diversos aspectos da vida dos homens, estão assim distribuídas: a casa da vida, dos haveres, dos irmãos, dos pais, dos filhos, das enfermidades, do casamento, da morte, da profissão, do rei, dos amigos, dos inimigos.

Os prognósticos são feitos de acordo com a passagem dos planetas conhecidos (Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua) por esses signos, num movimento circular em torno da Terra.

O signo ascendente é sempre o raio superior, a estaca I, correspondendo ao signo de Áries. É a partir dela que se dispõe os signos e os planetas.

Marte, Saturno, Júpiter e Sol são chamados de planetas "altos" ou "pesados", porque a influência que exercem no mundo sublunar é definitiva.

Todos esses componentes, ao se combinarem, devem ser interpretados de forma a gerarem prognósticos acerca dos acontecimentos futuros.

Considera-se o efeito de uma "constelação", ou seja, da figura formada pela presença de tais e tais planetas numa determinada posição inicial desenhada sobre uma cruz. Cada combinação possível desses planetas sobre as casas consideradas ganha uma nova figura, ou seja, uma nova cruz, ganhando um novo significado ou confirmando o anterior. Citemos como exemplo o capítulo cinco, que fala das cruzes que significam seca, fome, granizo, carestia e praga de gafanhotos.

A disposição inicial dessa cruz, ou como denomina o autor: "constelação", tem Saturno na casa dois ou na casa oito e Júpiter em quadratura com ele na casa cinco ou na casa onze. Quando tal for a situação, ocorrerão todos os juízos preditos acima. As posições podem ser combinadas, formando, neste caso, até oito cruzes ou "constelações" diferentes: Saturno na casa dois e Júpiter na casa cinco, Saturno na casa dois e Júpiter na casa onze, Saturno na casa oito e Júpiter na casa cinco, Saturno na casa oito e Júpiter na casa onze, Júpiter na casa dois e Saturno na casa cinco, Júpiter na casa dois e Saturno na casa onze, Júpiter na casa oito e Saturno na casa cinco, Júpiter na casa oito e Saturno na casa onze. Tais prognósticos podem ser modificados na medida em que algum elemento novo é introduzido no contexto, como por exemplo, ao se considerar a posição da Lua.

Este é um exemplo simples. Outros capítulos corresponderiam aos estágios posteriores de apropriações e são bastante mais complexos. Os capítulos em que já não há coincidência entre casas e signos, evidenciariam um tratamento mais sofisticado, pois a partir de então se considera o deslocamento da abóbada com as constelações, ou seja, a oitava esfera, e planetas que, abaixo dela, também circulam em suas próprias órbitas ao longo das casas. As figuras se multiplicam.

* * *

Mais do que uma das várias obras de temática astrológica traduzidas a pedido de Afonso X, o *Libro de las Cruzes* dá ensejo a um grande número de questões e possibilita várias abordagens.

As próprias circunstâncias históricas de sua produção nos obrigam a considerar o entrelaçamento de várias temporalidades e culturas, cada qual fundada em balizas distintas concernentes ao seu universo de representações do mundo, à construção de suas teorias acer-

ca do céu, seus movimentos e à forma como se relacionam com a vida dos homens na Terra.

Nos possibilita pensar, por exemplo, a respeito da discussão dos limites entre astrologia e astronomia. Suscita novas abordagens acerca do que se compreende hoje e o que se compreendia então por *scientia*. Demarcar estes campos não é tarefa simples porque, na economia dos saberes, havia uma lógica subjacente à sua construção que muito constantemente nos escapa. De nossa parte, contemporâneos, coloca-nos o desafio de estarmos continuamente repensando nossas próprias categorias e, a cada passo da investigação, nos perguntarmos acerca de nossas próprias projeções sobre um outro tão distante no tempo e no espaço.

Por fim, a obra nos convida ainda a conhecer mais profundamente esse personagem tão curioso que foi Afonso, o Sábio. Convida-nos a percorrer os caminhos de seu próprio pensamento a fim de tentarmos compreender a intensidade de seu interesse pela pela astrologia e pela astronomia e a maneira como entendia poder, através delas, orientar sua conduta enquanto homem e enquanto governante.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. CARDAILLAC, Louis. "Um minarete em vez de campanário". *In*: CARDAILLAC, Louis (org.). *Toledo, séculos XII-XII.* Muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992; DEDIEU, Jean-Pierre. "O refluxo do Islã espanhol". *In*: CARDAILLAC, Louis (org.). *Toledo...*
2. TATON, R. *A Idade Média* (História Geral das Ciências, tomo I, vol. 3). São Paulo: Ed. Difusão Européia do Livro, 1959.
3. DÍEZ, M. B.. "Alfonso X el Sabio y los Traductores Españoles". *Cuadernos hispano-americanos*, Madrid, vol. 410, 1984, p. 21-33; BLEYE, P. A.. *Manual de Historia de España*. 11ª ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1971, p. 680-937.
4. Conf. TATON, R.. *A Idade Média...*; SAMSÓ, J. *Las ciências de los antiguos en Al-Andalus*. Madrid: Ed. MAPFRE, 1992, p. 27-36.
5. O'CALLAGHAN, J. F. *El rey sabio:* el Reinado de Alfonso X de Castilla. 2ª ed. Sevilla: Univ. de Sevilla, 1999; BLEYE, P. A. *Op.cit.*; AVILÉS, A. G. "Alfonso X y la tradición de la magia astral". *In*: MARTÍNEZ, J. M. & RODRIGUEZ, A.D. (coord.). *El Scriptorium Alfonsí:* de los libros de Astrología a las *Cantigas de Santa María*. Madrid: Editorial Complutense, 1999, p. 83-103; VERNET, J.. "Alfonso X y la astronomía árabe". *In*: *Jornadas de Estudios Alfonsíes.* Granada: Faculdade de Filosofía y Letras, 1985, p. 17-31.

6. LIBERA, Alain de. *Pensar na Idade Média*. (Coleção Trans). São Paulo: Ed. 34, 1999.
7. Parte da astrologia relativa aos juízos depreendidos à partir da leitura das posições dos astros no céu.
8. Quer dizer, o que não contém astros.
9. HUYGHE, E. & HUYGHE, F.-B. *Images du Monde*: les milles et une façons de représenter l'univers avant Galilée. S.l.: Éd. Jean-Claude Lattès, 1999.
10. SAMSÓ, J. "Alfonso X y Los Orígenes de la Astrología Hispánica". Discurso de Recepción leído en 1981, en la Real Academia. Barcelona: Real Academia de Buenas Letras, 1981, p. 11-40.
11. Alfonso X. *Setenario*. Ed. Kenneth H. VANDERFORD. Buenos Aires: Instituto de Filosofia, 1945, p.39
12. ALFONSO X. *Libro de las Cruzes*. Ed. Lloyd A KASTEN y Lawrence B. KIDDLE. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto Miguel de Cervantes, 1961.
13. Sacerdote e homem conhecedor da lei entre os muçulmanos e judeus da Espanha.
14. *Libro de las Cruzes*, Prólogo, p. 1.
15. CASTELLS, Margarita. "Un nuevo dato sobre el 'Libro de las Cruces'en al-Ziy Mustalah". *Al-Qantara*, Madrid, vol. 13, 1992 , p. 367-376.
16. Conf. SAMSÓ, J. "Alfonso X y los origenes..."; SAMSÓ, J.. "En Torno a los métodos de cálculo utilizados por los astrólogos andalusies a fines del siglo VIII y principios del IX" *In*: *Actas de la II Jornadas de Cultura Árabe e Islámica*. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 1985, p. 509-522; SAMSÓ, J. *Las ciencias...*; TATON, R. *A Idade Média...*
17. *Libro de las Cruzes*, cap. I, p. 5.
18. Cf. HUYGHE & HUYGHE, *Images du monde...*
19. SAMSÓ, J. *Las ciencias...*
20. SAMSÓ, J., "En torno a los metodos"...
21. *Libro de las Cruzes*, p.160.
22. SAMSÓ, J., "Alfonso X y los orígenes...".